

Reportagem Especial

RODRIGO GAVINI/AT

DESRESPEITO EM COLÉGIOS

Professores saem escoltados de escolas

O QUE ELA DIZ...

Após ameaças de agressões e de morte, professores estão sendo obrigados a pedir ajuda à polícia e à Guarda Municipal

Eliane Proscholdt
Francine Spinassé

Após ameaças de agressões físicas e até de morte em escolas, professores estão sendo obrigados a pedir ajuda à polícia e à Guarda Municipal e têm de sair escoltados das unidades de ensino. Muitos são transferidos ou até desistem da profissão.

Em uma escola pública da Grande Vitória, uma professora de 37 anos contou, ainda abalada, o drama vivido durante uma aula de educação física. Segundo ela, após interromper uma atividade na quadra, um dos alunos ficou transtornado, a agrediu verbalmente e a ameaçou.

Depois, juntou um grupo de pessoas para esperarem por ela na porta da escola. Para sair de lá, só com a ajuda da Guarda Municipal.

DIRETORA DE ESCOLA PÚBLICA

“Fui ameaçada por um aluno”

Sem demonstrar qualquer respeito, um estudante de 14 anos disse a uma diretora de uma escola da rede pública da Grande Vitória: “Na hora da saída vou aprontar contigo e com colegas da escola. Não estarei sozinho. Vou chegar montado (armado).”

A diretora, que tem 45 anos, conversou com a reportagem e disse que a saída foi a transferência compulsória do menino.

A TRIBUNA - Como foi a ameaça feita pelo aluno?

DIRETORA - Fui ameaçada por um aluno. Ele vinha aprontando com professores, mas não aceitava conversar sobre sua atitude.

> O que ele aprontava?

Ele era desobediente em sala de aula, dizia que não iria fazer o dever. Ele também desafiava os professores. Dizia: “quero ver quem

Depois do episódio, ela passa por tratamento psiquiátrico e foi transferida de local de trabalho.

O diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes) Gean Carlos Nunes de Jesus salientou que as ameaças a educadores têm sido frequentes.

“Lamentavelmente isso tem sido muito frequente, mas muitas vezes eles não registram na polícia. Hoje qualquer insatisfação é motivo para a violência”, disse.

E completou: “Os alunos infelizmente não medem as palavras e nem as consequências. Os valores para muitos estão bastante dispersos. Muitos vivem em um mundo de muita agressão.”

Gean Carlos contou que, de 2013 até agora, soube de cinco profissionais da educação da rede pública que, temendo represálias, pediram apoio da escolta na Grande Vitória. Desses, três foram neste ano.

Mas o reforço nem sempre é

destinado a professores ou profissionais da escola. Quem explica é uma diretora de uma escola pública da Grande Vitória, de 45 anos.

Depois de ser ameaçada por um estudante de 14 anos, que disse que iria esperá-la na saída e se vingar dela e de colegas de escola, a diretora acionou a Guarda Municipal. Mas sua atitude foi para preservar os alunos.

Somente este ano, 20 educadores registraram boletins de ocorrência contra alunos na Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle).

A maioria dos casos por ameaças, mas há registros também de agressões físicas e verbais, injúria e desacato.

Pelo crime de ameaça, o titular da Deacle, delegado Wellington Lugão, explicou que o menor pode ter como pena a internação de um a seis meses. Mesmo assim, na maioria dos casos, as punições são revertidas em advertência.

vou aprontar contigo e com colegas da escola. Não estarei sozinho. Vou chegar montado (armado).”

> Acionou a polícia para fazer escolta?

Acionei a Guarda Municipal para fazer a escolta dos alunos. Eu também registrei boletim de ocorrência na polícia.

> Ele melhorou o comportamento?

No primeiro momento ele foi suspenso, mas como não melhorou, foi transferido recentemente.

> Já pediu para ser escoltado em outra ocasião?

Eu não.

> Sabe de casos de outros educadores que foram escoltados?

Já aconteceu em vários momentos, principalmente no turno noturno. Infelizmente isso tem sido bem comum.

“Chegou ao meu ouvido e me ameaçou dizendo que eu não sabia com quem estava falando”

“Fui transferida de local e nem no bairro mais volto, já que as coisas foram para fora dos muros da escola”

“Por causa do que aconteceu, fiquei de licença por quase um mês. Até hoje tomo medicamentos”

PROFESSORA DE ESCOLA PÚBLICA

“Nem no bairro volto”

Ainda assustada, uma professora de 37 anos, contou os momentos de angústia vividos após uma ameaça por parte de um aluno. Para conseguir sair da escola no dia da ameaça, ela teve de sair em um carro da Guarda Municipal.

Mais de um mês depois, ela ainda vive os reflexos da ação: mudou de escola, passa por tratamento psiquiátrico e toma medicamentos.

A TRIBUNA - Qual foram os motivos da ameaça?

PROFESSORA - Dou aulas de educação física e sempre achei que fazia um trabalho bacana com os alunos, até que isso aconteceu. Em uma atividade que estava aplicando na quadra, um aluno começou a agredir colegas. Por isso interrompi a atividade e ele ficou transtornado.

> Ele falou algo na hora?
Sim. Chegou bem perto do meu ouvido e começou a me agredir verbalmente, me ameaçar dizendo “Você não sabe com quem está falando.”

> Voltou à escola?
Não. Fui transferida de local e nem no bairro mais volto, já que as coisas foram para fora dos muros da instituição.

> Já passou por situação semelhante?
Nunca. O que mais me assusta é que os motivos para essas ameaças são muito banais e nem sempre estamos preparados para lidar com isso.

> Vai parar de dar aula?
Não posso parar, pois preciso trabalhar. Mas isso me desanima como professora, que sempre idealizei fazer o melhor. Sempre critiquei professores que deixam as coisas rolarem, sem se esforçarem. Hoje entendo esses professores. Só espero ter um dia esse ânimo de voltar a ensinar.



PROFESSORA foi transferida

meu ouvido e começou a me agredir verbalmente, me ameaçar dizendo “Você não sabe com quem está falando.”

> E o que fez na hora?

Fui para a sala dos professores. No final do horário, ele organizou pessoas de fora da escola e outros alunos para me esperar do lado de fora.

> Eles queriam te agredir?

Eu não vi a movimentação na frente, pois fiquei na sala dos professores, mas outras pessoas me falavam o que estava acontecendo. A Guarda Municipal foi chamada e só

saí de lá dentro do carro deles. Por causa do que aconteceu, fiquei de licença por quase um mês. Até hoje tomo medicamentos.

> Voltou à escola?

Não. Fui transferida de local e nem no bairro mais volto, já que as coisas foram para fora dos muros da instituição.

> Já passou por situação semelhante?

Nunca. O que mais me assusta é que os motivos para essas ameaças são muito banais e nem sempre estamos preparados para lidar com isso.

> Vai parar de dar aula?

Não posso parar, pois preciso trabalhar. Mas isso me desanima como professora, que sempre idealizei fazer o melhor. Sempre critiquei professores que deixam as coisas rolarem, sem se esforçarem. Hoje entendo esses professores. Só espero ter um dia esse ânimo de voltar a ensinar.

> Já passou por situação semelhante?

Nunca. O que mais me assusta é que os motivos para essas ameaças são muito banais e nem sempre estamos preparados para lidar com isso.

> Vai parar de dar aula?

Não posso parar, pois preciso trabalhar. Mas isso me desanima como professora, que sempre idealizei fazer o melhor. Sempre critiquei professores que deixam as coisas rolarem, sem se esforçarem. Hoje entendo esses professores. Só espero ter um dia esse ânimo de voltar a ensinar.

> Já passou por situação semelhante?

Nunca. O que mais me assusta é que os motivos para essas ameaças são muito banais e nem sempre estamos preparados para lidar com isso.

Reportagem Especial

DESRESPEITO EM COLÉGIOS

Educadores sofrem síndrome do pânico

Os conflitos dentro do ambiente escolar têm afetado o lado emocional de profissionais. Mais de 250 educadores que atuam na rede pública na Grande Vitória estão com depressão ou síndrome do pânico.

A estimativa foi passada pelo diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes) e coordenador do Coletivo de Combate à Violência nas Escolas, Menderson Rezende de Moura.

Ele disse que esses profissionais tomam remédios controlados, mas continuam atuando. Moura destacou ainda que o sindicato fará uma pesquisa em toda a rede pública municipal e estadual no Espírito Santo para acompanhar esses casos de violência que vêm ocorrendo no espaço escolar.

Essa mesma pesquisa irá apontar quantos profissionais estão licenciados por problemas de saúde referentes à violência.

Mas os problemas são ainda

maiores, como observou Moura. Ele disse que dezenas de profissionais desistiram da profissão por causa da violência.

REMÉDIO

Uma educadora é um dos exemplos de quem buscou ajuda médica depois de ter convulsão. Ela afirma que seu drama começou quando passou a ser ameaçada por uma colega de trabalho.

Em meio ao conflito, segundo a educadora, havia um grupo de alunos que ficou do seu lado e outro que defendia a outra profissional.

As ameaças eram feitas na escola e nas redes sociais. "Alguns alunos disseram que eu estava sendo procurada na região. Fui marcada em publicações do Facebook desejando 'pêsames' à minha família e amigos pelo que viria a acontecer comigo. Fiquei aterrorizada e registrei boletim de ocorrência."

Além disso, a educadora afirmou que fez denúncias a outros órgãos competentes.

MENDERSON REZENDE DE MOURA disse que muitos profissionais da educação tomam remédios controlados, mas continuam atuando nas escolas



RODRIGO GAVINI/AT

Raio X da violência Registros de ameaças e agressões

250 é a estimativa de educadores da rede pública que atuam na Grande Vitória e sofrem de depressão e síndrome do pânico

- > 20 DENÚNCIAS de ameaças e agressões foram registradas na Deacle neste ano.
- > 139 CASOS de violência na rede estadual foram registrados em 2011 no Estado.
- > 181 OCORRÊNCIAS referentes à violência em escolas da rede estadual foram registrados em 2012 no Estado.

2013 foi o ano que a pesquisa com esses números foi divulgada pelo Sindiupes

NÚMERO DE OCORRÊNCIAS NA REDE ESTADUAL DA GRANDE VITÓRIA EM 2011 E 2012



4%

dos alunos portavam arma de fogo dentro da escola



6,1%

dos alunos portavam arma branca

Fonte: Sindiupes e Deacle.

OUTROS CASOS DE AMEAÇAS A PROFESSORES

Empurrada

Uma professora de uma escola municipal da Grande Vitória foi agredida por um aluno em sala de aula, em maio deste ano, quando cobrava um exercício.

Transtornado, um dos estudantes que não fez o dever chegou a empurrar a educadora contra a porta.

Celular recolhido

Por desrespeitar mais de uma vez a proibição de uso do celular em sala, um estudante de 13 anos não aceitou ter o aparelho recolhido. Segundo a coordenadora, após ter informado que o celular seria entregue aos seus pais, o aluno se descontrolou.

"Ele chegou a impedir minha saída da sala, bloqueando a porta. Também falou para colegas que me mataria e quebrou uma porta do banheiro."

REAÇÕES AO ESTRESSE



HELIO FILHO/AT

Ela enfrenta o transtorno com remédios

Foi mostrando remédios que toma que uma educadora contou que teve uma convulsão e, ao receber atendimento médico, foi diagnosticado que o seu quadro foi desencadeado por reações ao estresse grave e transtorno do pânico.

A educadora alega que seu pesa-

delo teve início depois que ela começou a trabalhar em uma escola da rede pública na Grande Vitória e passou a ser perseguida por uma colega de trabalho.

"Ela usava práticas inadequadas, inclusive aplicava a leitura como castigo em situações em que o aluno era

expulso da sala de aula por algum professor", contou a educadora, que pediu para ter seu nome preservado.

A educadora ressaltou que é formada em Direito, mas sempre foi apaixonada pela educação. "Só que estou analisando se irei continuar atuando na rede básica de ensino."

Transferência e psicólogos

Diante de denúncias de ameaças sofridas por professores, prefeituras afirmam que fazem a transferência de alunos ou professores. Em Vila Velha, também é oferecido tratamento psicológico para os educadores.

O coordenador do Setor de Atendimento Escolar Disciplinar da Prefeitura de Vila Velha, Stanley Amarantes, afirmou que os casos de ameaças e agressões a educadores são encaminhados ao Setor de Atendimento Educacional Disciplinar (Saed).

"O professor já é penalizado por conta da agressão, por isso, no município, fazemos a transferência compulsória do aluno envolvido. Em 2013, três foram ameaçados. Neste ano, nenhum foi registrado."

A Secretaria da Educação da Serra também registrou três casos de agressão de aluno contra professor. Todos estão em apuração. Hoje 124

professores estão em licença médica por motivos de saúde.

A gerente de Recursos Humanos da Secretaria da Educação de Vitória, Alaíde Maria Fosse, disse que, este ano, foram registradas três ameaças a professores. "Em todos os casos, há a transferência imediata do profissional."

A Secretaria da Educação de Carriacica informou que não contabiliza registros de professores ameaçados por alunos e que as ameaças aos professores são consideradas esporádicas.

O secretário de Estado da Educação, Klinger Barbosa, destacou o trabalho preventivo, no sentido de evitar esse tipo de problema nas escolas, com a parceria da Patrulha Escolar, escola, pais e comunidade. Além disso, ele citou o regimento escolar. Somente em casos extremos o aluno é transferido para outra escola da rede.

ANÁLISE

Edna Tavares,
doutora em Educação



"Professor e escola estão em descrédito"

"A relação entre professor e aluno reflete muito da sociedade. A própria escola é um espelho dessa sociedade em que vivemos. Essa falta de respeito, de comprometimento, de querer bem e de uma relação mais humana com professores é o espelho do que alunos vivem nas famílias, que acaba sendo refletido dentro das escolas.

Parte da culpa por esses atos estarem acontecendo é da própria família, que tem se ausentado nessa relação. Os pais não conseguem ter essa relação de respeito e compreensão dentro de casa e jogam esse peso para cima do professor, que por sua vez também está limitado.

Hoje o professor fica quase que refém em situações com o aluno. Se ele chama a atenção ou cobra do estudante, a família não aceita. Não só o professor como a escola hoje estão em descrédito. A família não dá mais autonomia para o professor agir.

Não podemos esquecer que, apesar de parecer mais nítida essa relação conturbada em escolas públicas da periferia, isso acontece também em bairros nobres e na rede particular."

Ameaça

Em maio deste ano, uma professora de 42 anos foi ameaçada de morte por um aluno de 14. Segundo a professora, a ameaça foi feita no momento em que chamava a atenção do estudante.

"A ameaça não foi diretamente a mim. Ele falou para a coordenadora, por isso busquei a polícia. Depois disso, ele chegou a pedir perdão a mim diante dos demais alunos e a relação melhorou depois disso."

"Resolvo na bala"

Um professor de uma escola na Serra procurou a polícia depois de ter sido ameaçado em sala de aula, quando tentava impedir que um aluno agredisse um colega de sala, em março. Ao separar o conflito, o aluno chegou a dizer para o professor "comigo, eu resolvo na bala e no 38."